

MARIA TERESA TORRES BARROS QUEIROZ

Entrevistada por Ana Vicente

Tenho o prazer de conversar com Maria Teresa Torres Barros Queiroz em sucessivas noites de 25 para 26 de Dezembro em Lisboa, em casa de seu sobrinho António Pinto Basto de Moraes e sua mulher Alda, os quais regularmente nos acolhem naquela época. O que Maria Teresa contava com enorme vivacidade e alegria levou-me a pedir-lhe uma entrevista. A tal se dispôs tendo falado para o gravador durante várias horas. Propositadamente as suas palavras são dadas praticamente sem interrupções nem clarificações. É um retrato de uma mulher e a sua circunstância que, tendo nascido em 1912, mantém-se atenta aos sinais dos tempos, depois de percorrer o século XX em Portugal. Poderá servir como fonte histórica de uma certa forma de estar no mundo. Agradeço à entrevistada a sua disponibilidade na certeza que as/os leitoras/es das *Faces de Eva* vão gostar imenso de escutar a sua voz.

Conte-me um pouco da sua infância e juventude

Tive a grande graça de ter uns pais extraordinários. A minha mãe era uma menina única, que tinha mais três irmãos, de Salvaterra de Magos. Portanto do lado da família da minha mãe era uma gente toda dada aos cavalos. Eu acho que Salvaterra de Magos é uma terra com muito interesse – nem sei se sabe até onde vai o interesse de Salvaterra de Magos? Até se fez lá um teatro de ópera, depois de aqui em Lisboa ter havido o tremor de terra – eu que imaginava que aquilo era apenas uma terrinha pequenina que tinha uma casa muito bonita, que era a casa dos meus avós, com azulejos lindos e afinal era uma terra já com muitas tradições e creio que continua a sê-lo. Esse era o lado da minha mãe. O meu pai tinha uma irmã que era muito mais velha, porque era de outro casamento. Era a Viscondessa de Andaluz e quis muito tomar conta daqueles irmãos pequenos que tinha, que eram do outro casamento do pai, ou seja do meu avô. O meu pai foi o único que se formou, veio a ser engenheiro

de minas. Era um ambiente muito engraçado porque a minha tia-avó, do lado de Salvaterra, era da mesma idade da irmã que criou o meu pai e eram grandes amigas e viajavam juntas, iam a França, iam às águas e iam aqui e iam acolá e ficou sempre uma grande amizade. Mas isto não tem interesse nenhum em especial, mas foi assim que o meu pai e a minha mãe se conheceram e foi este, na verdade, o ambiente em que fui criada, numa família muito alargada, como hei-de dizer, eu acho que tive um exemplo fantástico nos meus pais. Eu lembro-me que quando houve um problema qualquer financeiro e veio o caseiro lá da quinta dizer que tinha tudo corrido mal, que não havia isto, que não havia aquilo, que o trigo se tinha estragado, que o azeite não sei quê, e lembra-me que o que me ficou, foi o meu pai dizer: pois é, tem que se cortar por algum lado, mas há uma coisa em que não se pode cortar – é aquilo que se dá. Era uma pessoa realmente formidável. A minha mãe e o meu pai casaram em 1903 na igreja de Santos-o-Velho. A minha mãe teve dez filhos, mas o que nasceu a baixo de mim não vingou – na altura em que nasceu morreu. Não se ia para as casas de saúde. Nasciam em casa. Vivíamos em Lisboa porque o meu pai era engenheiro de minas e tinha cá que fazer mas depois essa dita irmã, a Viscondessa de Andaluz, já não sei como, herdou uma casa muito grande em Pernes. A meio caminho entre Santarém e Torres Novas. É uma terra engraçada. Está muito diferente. Eu agora não vou lá há muitos anos. Começava por uma ponte e acabava noutra ponte e nós começámos por ter muito cedo a electricidade mas também havia aqueles candeeiros de petróleo. Ainda sou desse tempo. A meninice foi em Lisboa embora passássemos muitos meses lá na quinta e então andávamos de burro, andávamos a cavalo, na quinta de São Silvestre em Pernes – que tinha esse nome muito bonito, o nome do último santo do ano. E era engraçado, tinha umas árvores antigas, tinha umas nascentes de água, e a casa era um casarão. Por morte do meu pai ainda continuámos sempre a ir, porque a minha mãe é que a herdou, mas quando a minha mãe nos morreu éramos nove e ninguém queria ir para lá e pôs-se aquilo à venda. E nós queríamos muito que fosse para uma coisa para crianças, um colégio de crianças, um lar ou uma coisa qualquer assim, pois a casa era enorme. Só havia lá um que podia comprar que era um que tinha feito um legado à terra. Tudo isto se passava pelo 25 de Abril e nós com medo que aquilo fosse ocupado. Lembro-me que então eu e a minha irmã Maria da Conceição (Maria da Conceição Torres Morais), fomos lá de propósito pôr uma medalhinha da Senhora das Graças e a casa nunca foi ocupada. Nós tínhamos capela que dava para a rua e onde havia missa ao Domingo e a minha mãe tinha pedido aqui licença ao Patriarcado para termos o Santíssimo. Eu fui criada neste ambiente – eu era a do meio dos

nove – quatro para cima e quatro para baixo – rapazes e raparigas também era ao meio – ao princípio era a Maria da Conceição, a Maria Luísa, e depois o Constantino e depois a Maria Isabel e eu, a Maria Teresa – cá estou eu na quinta – quer dizer, quando eu fui quinta só havia um rapaz, mas depois nasceram mais três e mais uma rapariga. O único ainda vivo é o António Maria, que é um bocadinho mais novo do que eu. Nós vivíamos na Calçada Marquês de Abrantes. Eu nasci no Estoril porque o meu pai teve um desgosto, uma coisa horrorosa quando foi do Regicídio – estou-lhe a falar de coisas que tiveram influência na nossa vida, directamente. Eu nasci em Agosto – podia ter sido por acaso por estar na época de verão, mas não, foi porque o meu pai não queria estar em Lisboa, porque quando ele encontrava alguns amigos que ele julgava que eram todos monárquicos já eles estavam a virar-se. Andava tão desconsolado – e parece que naquela altura era muito fácil mudar de casa. O meu pai tinha que vir para Lisboa para o seu trabalho e começou a achar que era muito cansativo e depois já os mais velhos precisavam de colégio e voltamos para Lisboa. No Estoril, morávamos num sítio onde é agora o Casino e que se chamava a quinta do Viana – era uma quinta e tinha várias casinhas e no verão, alugavam – estivemos lá algum tempo mas nem sei quanto tempo, só me lembro de morar na Calçada Marquês de Abrantes – primeiro no segundo andar. Fomos continuando a nascer e o meu pai pediu uma casa maior se vagasse um andar e depois fomos para o rés-do-chão e não conheci mais casa nenhuma. Quando casei foi engraçado, porque havia no quarenta, lá em baixo, um primeiro andar vago e eu ainda morei lá nove anos. Não fui para a escola. Era tudo ensinado por senhoras em casa. A ler, a escrever, tudo. No verão tínhamos umas estrangeiras para irem connosco lá para a quinta mas de quem eu tenho uma triste ideia porque só vinham umas velhas incríveis – maçadoras – inglesas, irlandesas e francesas e devo dizer que as senhoras não tinham atractivo nenhum. Às vezes a minha mãe dizia a quem nos arranjava as estrangeiras: então vocês para uma casa cheia de criançada nova mandam umas velhas! A resposta era que as mais novas não queriam ir assim para uma quinta. Havia uma – essa era muito interessante – porque ela tinha estado um tempo na Rússia e então queria que nós soubessemos tratar de cavalos e de isto e aquilo e não tinha grande religião. Ora a minha mãe fazia grande questão nisso – rezávamos o terço juntas na língua que elas tinham – portanto ou rezávamos em francês ou rezávamos em inglês. Foi assim uma vida muito plena. Nas lições em casa havia muita ordem. Os rapazes esses iam fora – para o liceu e para a escola primária – era uma diferença enorme a da vida dos rapazes e das raparigas – enorme, enorme. Tínhamos professoras de língua, professoras de

bordados – eu lembro-me de me obrigarem a decorar os verbos franceses todos, as terminações, aquilo tudo. Agora estou péssima de memória mas se houve coisa que eu tive na vida foi de trabalhar a memória. A minha mãe tinha casado com 20 anos e teve os dez filhos ao longo de 20 anos, mas ao princípio de casada, sempre que ficava de bebé, o bebé não seguia. Ela acompanhava muito o meu pai porque como o meu pai era engenheiro de minas, (chamava-se nessa altura pontes, minas e calçadas) tinha muitas saídas. O meu pai era uma espécie de Grande Elias, tinha uns senhores, que não eram engenheiros, que andavam às ordens dele e que o acompanhavam. Conheceu Portugal inteiro. A minha mãe quando não estava para ter um filho dali a pouco tempo, tinha um que ainda era muito pequeno e entretanto um deles teve asma (que é o que é vivo, olhe), e tinha crises horríveis. A minha mãe tinha a costureira em casa – isso nunca lhe faltou e mais todas as empregadas. Era engraçado porque no prédio pegado morava a mãe do Paiva Couceiro e a minha mãe era amiga dela e de uma outra tia que também era Paiva Couceiro. Então iam jantar a casa dos meus pais aos Domingos e nos Domingos o jantar era melhorado e cabia sempre toda a gente. Depois quando eu casei e fiquei lá eu fazia a minha vidinha por ali e como não tive logo filhos, (estive nove anos sem ter filhos e já julgava mesmo que não tinha) e então ia passar a tarde com a minha mãe e as minhas irmãs que moravam lá no prédio e nós víamo-nos todas todos os dias. Estudei piano, uma obrigação horrorosa. O senhor que morava por baixo fazia queixa de nós porque nós fazíamos barulho. A professora vinha às 8 da manhã para dar a aula. A minha irmã Maria Luísa tinha cá um ouvido! Nós levávamos um mês a aprender uma coisa qualquer de Schuman ou de Schubert ou o que fosse, mas ela punha-se ao piano, olhava para ali e tocava. Assistimos a muitas intontonas porque o jardim de Santos ficava perto e nós achávamos imensa graça e íamos ver os tiros à janela e a minha mãe tinha medo que viesse um tiro. Eu não me lembro nada de haver faltas, há pessoas que falam em haver dificuldade em arranjar açúcar ou isto e aquilo – eu não me lembro nada dessas dificuldades. Na primeira grande guerra era muito pequenina mas lembro-me de irem rapazes lá de Pernes para a Guerra – e lembro-me de um, e desse nunca me esqueci, ele ia num burro até Santarém para tomar o comboio. Então sentou-se no burro, ao contrário, e ia todo o tempo a gritar: ai minha mãe, ai minha mãe que eu vou morrer! Lembro-me muito bem da minha mãe nessa altura fazer cache-cóis e luvas de lã para mandar. Esse rapaz, que eu saiba, não morreu. A política era um assunto um bocadinho escondido porque havia umas eleições em que só podiam votar homens e eu lembro-me bem de ver lá em casa uns quadrados em que se votava e de o meu pai falar com pes-

soas de lá – penso eu para os influenciarem a votarem. Nunca se falava em relação às mulheres não votarem, que ideia, era questão que nem sequer se colocava. Lia bastante. Entretanto, havia uma Sra. D. Adelina que morava no mesmo prédio que a minha mãe (era a única pessoa de lá sem ser da família do meu cunhado). Era uma senhora que estava viúva, não tinha filhos, adorava o Algarve. Ainda nos convidou umas vezes para o Algarve e dizia, ela teve essa percepção, que o Algarve era o melhor sítio do mundo e que estava abandonadíssimo. Ela fez lá uma casa e nós ainda lá fomos. Íamos muito à igreja e olhe cantava-se todo o Mês de Maria, todo o Mês do Coração de Jesus, e nós fazíamos parte do coro, e a Maria Luísa, quando era preciso, lá tocava. Havia uma senhora Xara Brasil que tocava muito bem órgão. Na Quinta não nos íamos deitar sem dar as boas noites ao Jesus na capela, mas não rezávamos em família. O pai era crente, e eu acho que ele era estruturalmente bom, cristão. Havia uma coisa que era muito engraçada – tínhamos uma casa de jantar com grandes janelas e víamos às vezes as mulheres que chegavam com os cestos cheios de roupa lavada. Havia uma coisa que era mandado pelo meu pai. Todos os dias se fazia um caldeirão de sopa – feijão com couves, com o azeite de lá que era ótimo. Ninguém contava quantas couves nem quantos litros de azeite, muitas vezes nós comíamos dessa sopa. Havia umas pessoas que sabiam que àquela hora podiam comer e passavam lá e nós estávamos na nossa casa de jantar a almoçar e a ver aquelas pessoas na varanda a comer a sua sopinha numa tijela com um naco de pão, um bocado de azeitonas. Fomos criados com a ideia de que era preciso partilhar e antes de nos irmos embora fazíamos sempre uma árvore de Natal com coisas que nós fazíamos – a minha mãe achava que era a maneira de nós aprendermos a coser à máquina. Nós tínhamos a tal costureira (tivemos três gerações da mesma mulher) fazia-se tudo em casa – a minha mãe levava peças de pano e peças de bordado inglês e aí se fazia os interiores todos das meninas. Os fatos de homem devia ser o alfaiate. Os vestidos da mãe também se faziam lá. Havia lá em casa uma coisa que eu achava horrorosa e que era um manequim com o feitio do corpo da minha mãe, portanto ela podia provar sem a minha mãe estar. Mas tudo isto tem um interesse relativo mas era a maneira de viver. Mas foi muito são. Uma vez chegou lá o médico – que nós chamávamos o João Semana porque andava a cavalo. Quando chovia muito levava uma capa de borracha que tapava o cavalo. Ia por aquelas terrinhas que não tinham médico – ele era uma pessoa neura talvez. Lá na terra, onde as pessoas se juntavam era na farmácia ou na taberna e ele como não ia a esses sítios, ia todos os dias a casa de meus pais. Ele jantava muito cedo e apanhava-nos a jantar. Sentava-se ali, muito quieto, muito calado, e a criada já sabia que

uma hora depois de ele chegar tinha que lhe levar um copo de água – agora é que é moda outra vez beber água pois ele já nesse tempo o fazia. Era uma pessoa formidável – não havia análises, não havia nada mas ele lá ia safando as pessoas e era raro o dia em que nós não tínhamos caído e ele ia ver se era preciso pôr tintura de iodo e se ardia, ardia. Subíamos às árvores, comíamos a fruta em cima das árvores – a minha ideia é que foi uma criação muito sã e muito feliz. Além disso, como a casa era muito grande e havia por lá camas de ferro as nossas amigas de Lisboa adoravam ir para lá. Era engraçado, tínhamos amigos rapazes, muitos, mas com quem nunca ninguém pensou em namorar. Um era o Luís Barroso da Câmara, outro era o José Mello Correia, que foi casado com a Paulina Arantes Teixeira. Era tudo ali da Calçada Marquês de Abrantes – e uma vez o meu pai disse para a minha mãe: olha no meu tempo não era costume haver uma convivência entre rapazes e raparigas que não fosse com um segundo interesse. Nenhuma de nós casou com nenhum desses e fomos arranjar conhecimentos para outro lado, mas era uma coisa um bocadinho fora do comum. O meu pai tinha um parente e amigo que era o António Couto Vianna, que era um bocadinho pessimista e então achava que os modernismos eram horríveis para as raparigas – quando ele vinha as coisas tornavam-se mais duras. Eu já não apanhei essa fase mas a Maria Luísa e a Maria da Conceição, coitadas, queriam cortar o cabelo e não tinham licença e a mãe não se podia contrapor ao pai – era o pai que mandava. Até que houve um dia em que já não havia mais ninguém com o cabelo comprido e o meu pai dizia: está bem, podem cortar o cabelo mas têm que baixar as bainhas das saias – nessa altura, acho eu, também se usaram umas saias curtas mas se ele visse agora as saias por aqui! Por isso é que eu digo, eu acho que sou do tempo do Marquês de Pombal que está lá em cima da estátua, não era o lá de Santos porque os Marqueses de Pombal também ali viviam. Quanto eu tinha 19 anos ou coisa assim comecei a trabalhar, como voluntária, na Assistência de Santos, que tinha sido fundada pela D. Adelina Santos. Em casa, fazíamos imensos trabalhos de mãos, todas, desde sempre, fazíamos trabalhos de mãos e ajudávamos aos irmãos mais pequenos. Olhe, a Maria da Conceição veio ter os gémeos para casa da minha mãe e eu estava a tirar um curso de enfermagem. Mas um dia uma das minhas irmãs, a Maria Luísa, disse: olha menina, a enfermagem agora é cá em casa, porque os dois mais novos, a Maria da Luz e o Carlos José, apareceram com varicela e quem for ao pé deles não pode ir ao pé da Maria da Conceição que tinha tido os gémeos. O parto foi uma coisa muito complicada, ela não morreu porque não tinha que morrer. Por isso, você escolha, ou toma conta dos manos ou da Maria da Conceição. Porque a mãe, a mãe governava a casa,

e era preciso que nós, as raparigas ajudássemos e eu depois desinteressasse-me um pouco do curso de enfermagem porque, afinal, era mais um curso para senhoras que não queriam engordar. Fui para o curso sem oposição da minha mãe. Houve uma época que para se fazer qualquer coisa tinha que se primeiro perguntar à mãe ou ao pai, mas nós não precisávamos porque sabíamos o que eles queriam e não queriam que nós fizéssemos. Foi naquela época que começaram os 'assaltos' – eram festas. A pessoa dispunha a casa e cada convidado levava uma coisa. A tal Sra. D. Adelina conhecia a família a quem pertencia o S. Luís. Pedia o teatro emprestado e lá se fizeram festas lindíssimas, com quadros vivos. Eu deveria ter uns 20 anos. Era preciso arranjar dinheiro para a Assistência de Santos mas tudo era diferente de agora – o Estado dava-nos uns garrafões de óleo de fígado de bacalhau. Foi criada ao pé da Igreja – porque o prior tinha lá a sua casa mas não vivia lá – e ele disse à Sra. D. Adelina: se quiser fazer aqui um dispensário para se fazer uns pensos às mulheres que têm as pernas cheias de varizes, eu deixo fazer. Eram varinas sobretudo as que vinham à Assistência e tinham as pernas cheias de varizes, feridas de andar com aqueles pesos à cabeça, estavam muito tempo sem terem os maridos – os maridos eram marinheiros – aquilo era a Madragoa – essas mulheres viviam todas na Madragoa – nós aqui tínhamos a Calçada Marquês de Abrantes, que era a nossa zona, e logo para cima era tudo ruínas e casinhas, era tudo, tudo, tudo varinas e os maridos pescadores e as criancinhas andavam por ali – eram muitas, coitadinhas – por termos trabalhado com essa senhora é que sabíamos que havia muita pobreza – foi a melhor escola da minha vida. A Sra. D. Adelina lá nos mandou fazer umas batas e umas toucas e depois cada uma de nós tinha uma caixinha com umas seringas e outras coisas, mas tudo isto que é agora, que se deitam as seringas fora e assim, não se fazia, era tudo muito aproveitadinho – como tudo naquela época. Ela agarrou em nós, duas das minhas irmãs que casaram primeiro também lá trabalharam e alguns senhores – havia um Dr. Vilar, que tinha uma filha solteira (depois casou tarde) mas também trabalhou lá. Enfim era muita gente a trabalhar e fez-se como que um consultório, ia um médico, iam duas raparigas, apareciam as pessoas era preciso fazer aqui um penso ou tratar outra coisa. Outras dedicavam-se mais à escrituração do centro. É uma coisa extraordinária porque a história da Assistência de Santos está toda escrita – têm lá todo o arquivo. Se eu lhe disser que estávamos no princípio e elas já mandavam lá ir o fotógrafo! Os arquivos estão onde é agora a Assistência, na Rua das Janelas Verdes. Na rua da Esperança estava muito mal instalada e com este padre que está lá agora, o Padre João Seabra – conseguiu a casa para ali instalar o centro e agora aquilo está diferente – eu

penso que o principal do que lá se passa agora é o acolhimento de crianças pequenas. No nosso tempo as crianças andavam na rua e eram mais sãs do que os pais e não iam muito tratar-se. As varinas é que iam, não havia nada de segurança social; do Estado forneciam uns tantos remédios para lá que depois deixaram de fornecer. Entretanto o meu pai morreu – o meu pai, acho eu, toda a vida tinha sofrido do fígado e deve ter tido uma coisa má, nessa altura não se lhe dava o nome e a minha mãe ficou com oito filhos (o meu irmão mais velho tinha ido para África, porque quando chegou ao 7.º ano do liceu não quis estudar – não sei se achou que já era um homem grande e que era o mais velho da família mas a minha mãe não foi nisso e ele acabou por ir para África um tempo e veio quando o meu pai morreu).

E depois?

Enfim, a vida continuou e nós lá íamos fazendo os nossos vestidinhos de baile e era engraçado, havia pessoas que diziam – aquelas raparigas são um bocado diferentes porque são muito divertidas, e então vão aos bailes, vão às casas das amigas, vão ver o ténis, têm muitas pessoas em casa sempre mas não faltam a uma coisa na igreja. Não foi forçado – eu não me lembro da minha mãe ter que me dizer – levanta-te porque são horas de ir à missa – mas íamos. Passámos a pertencer ao Apostolado da Oração. Éramos zeladoras. Cheguei a ser vice-secretária – porque era preciso passar as actas todas a limpo e a senhora que era secretária já estava muito velhinha. Devem estar lá muitas actas escritas por mim para nada, para nada, porque ninguém vai ver aqueles livros. Era uma vez por mês que nós nos reuníamos mas aquela senhora ainda era do tempo em que se escrevia assim: estiveram presentes a excelentíssima e ilustríssima não sei quê.....e eu quando passei a fazer as actas passei a escrever só um bocadinho.

Ninguém das suas relações ou família foi para padre ou freira?

Ninguém pensou nisso e era engraçado porque éramos amigos de famílias grandes como a nossa em que todas elas tinham tido uma freira e nós tínhamos aquela mistura de vida que as pessoas achavam extraordinário – fazíamos uma vida social, normal, normalíssima. Quando começámos a ir a festas tínhamos que ir sempre acompanhadas, mas nessa altura a minha mãe tinha sempre filhos ainda muito pequeninos. A minha mãe gostava imenso de conviver e arranjava sempre imensas amizades quando ia para as águas, mas estava sempre muito presa em casa e também com o meu pai. Porque o meu pai saía depois do almoço mas às

sete em ponto estava em casa e ela tinha que estar também. Era dona de casa e tudo isso, mas enfim teve sempre quem fizesse as coisas, e tinha uma pessoa que não era bem criada, era costureira e tomava um bocadinho conta do menino que já começava a andar. Teve sempre alguém que a ajudasse, além da cozinheira e das criadas de quarto. Quando o meu pai morreu a minha mãe tinha 40 anos e ficou ela a tomar conta de tudo, e também da quinta em Pernes. Lembro-me de ela chamar lá um homem que nós conhecíamos muito bem – então Sra. D. Eugénia o que é que quer – olhe, em vez de ir ao Banco quero que você me compre uns tantos litros de azeite – o banco dela era o lagar do azeite – era engraçado tudo isto – ela administrava tudo – até mais tarde – enfim, até que teve mesmo que deixar, eu digo que ela tinha muita idade mas ela tinha 80 anos e eu já tenho 88, mas na altura já era muita idade. O meu pai era bastante mais velho – tinha mais 23 anos do que a minha mãe – mas morreu novo – morreu com 62 anos. Quem o tratou foi o Moreirinha, que era o grande mestre médico e que ainda era parente dele e depois no fim disse: eu não vi o que é que ele tinha mas se tivesse visto era igual. A minha mãe teve que enfrentar os namoros e tudo isso – mas uma das vezes que havia um dos tais ‘assaltos’ que era ali ao pé de nós, dissémos: mas oh mãe porque é que a mãe não vem connosco – nós íamos sempre com a mãe de uma amiga nossa – e eu lembro-me lindamente a minha mãe dizer: vocês vão mas amanhã a missa das não sei quantas é por alma de uma avó e vocês não deixam de ir por causa de terem ido hoje ao baile e então era assim. Um bocadinho austero, era ela que mandava. Quando ficou viúva só uma tinha casado, a Maria Isabel, era a quarta, casou com 20 anos, casou na Igreja de Santos, todos casaram ali. Eu é que pedi à minha mãe para casar lá na quinta – eu tinha uma devoção especialíssima por aquela capela – eu é que tomava conta daquilo, para ver se a lâmpada estava acesa, para perguntar ao prior quais os paramentos que se punham naquele dia e isso tudo, e eu gostava. Voltando à Assistência de Santos, tínhamos aquilo aberto todas as manhãs. Nessa altura havia muita tuberculose. Lembro-me que fui uma noite ao Convento das Bernardas, onde agora estão a fazer umas grandes obras. Não me posso esquecer, nesse convento, em cada divisão, que eram grandes, vivia uma família inteira, pai, mãe, filhos e tudo – os tanques de lavar estavam numa espécie de corredores que havia – como tinha sido um convento antigo os corredores eram todos grandes. A Maria Luísa, que era acima de mim, foram-lhe lá dizer, olhe aquela sua doente está muito mal, muito mal – devia estar a morrer, coitadinha, de tuberculose. Nessa altura ninguém tinha aquela coisa de dizer: vamos chamar uma ambulância, vamos levá-la para o hospital, não se fazia. A Maria Teresa disse: venha comigo porque custa-

-me tanto ir com a mulher que me veio chamar. Fomos de noite, com uma vela na mão, porque o convento não tinha electricidade, e nisto eu vejo assim uma coisa no chão, preta, uma coisa esquisita, um monte e disse olha deixaram cair para ali umas coisas não faço ideia o que aquilo é – não, não, responderam, aquilo é um cantinho que fica um bocadinho retirado e é ali que dorme uma velhinha. E nós que tínhamos tudo em nossa casa, não tínhamos luxo mas tínhamos tudo – aquele contacto com aquelas coisas todas – eu digo que foi a melhor escola de toda a minha vida.

Conte lá mais sobre as varinas, por favor

Lembro-me muito bem das varinas. As varinas não se queixavam nada, não tinham um queixume, lembro-me porque me ficou na memória que era um médico que estava lá naquele dia. Uma varina foi-se queixar que estava a emagrecer muito e que tinha muita tosse, uma tosse muito seca, ela estava tuberculosíssima e o médico disse: eu vou-lhe dar aqui uma coisa e você já vai comer melhor, você precisa é de comer bem e ela respondeu: oh sr. doutor, se é para me abrir o apetite não receite, porque não tenho dinheiro para ir comprar comida. Eram santas, elas não tinham um queixume. Trabalhavam duramente, coitadinhas, sempre com as canastras à cabeça e os maridos fora, às vezes meses seguidos, e depois lá vinham com algum dinheirinho e havia umas mais atiladinhas mas havia umas desgraças muito grandes e foi por isso que aquela Sra. D. Adelina disse que era preciso fazer aqui alguma coisa. Agora digo-lhe uma coisa – hoje em dia para pôr lá as crianças no jardim infantil que sucedeu à Assistência de Santos, não são só os pobres – quem não pode pagar não paga nada e quem pode é conforme. Aquilo está impecável e as pessoas das melhores famílias preferem tê-las ali do que noutra lugar qualquer. Quanto aos velhos lá na quinta – aquelas pessoas iam envelhecendo, eu lembro-me do pai da caseira, e tinham sempre lugar em casa da filha. Com o cajadinho na mão, sentavam-se ao sol, porque fazia frio, sentavam-se ao sol e a gente lá ia fazendo uns cachecois e umas mantas e umas coisas e lá íamos dando e as pessoas viviam assim, porque era assim que estavam as coisas organizadas – nem era preciso, como agora, pôr as pessoas nos lares. Agora há lares para todas as castas. Mas então não era preciso, nessa altura ficavam em casa dos filhos. Depois casaram duas das minhas irmãs. Eu não casei cedo, casei com quem menos imaginava – conheci o meu marido por acaso, numa altura em que havia as festas de Lisboa. Casei em 1941. Quando o conheci ele tinha 30 anos e eu tinha 27 e então fez-se questão de esperar não sei quanto tempo porque o pai dele tinha morrido havia pouco tempo – ainda se olhava muito a essas coisas. Deixámos fazer um ano da morte do senhor, eu não conhecia ninguém da

família dele mas receberam-me o melhor possível e depois fiquei ali a viver na Calçada Marquês de Abrantes, sempre convencida que ia ter meninos como as minhas irmãs todas tiveram e como a minha mãe teve tantos. Mas depois não, tinha muito desgosto e depois já estava absolutamente conformada quando de repente – o que é que tem, não sabe o que tem, era um menino e em sete anos tive quatro filhos e dois que ficaram pelo caminho – quer dizer se eu tivesse começado a ter filhos quando casei tinha sido como a minha mãe – 10 ou coisa assim – e há agora uma coisa que me faz muita confusão – é que vejo as dificuldades que todas as raparigas têm, porque se prepararam para trabalhar para ajudar os maridos e têm mesmo que trabalhar – e por mais que digam que os maridos ajudam muito em casa não há dúvida que as mulheres são a base. Agora quando eu olho e vejo que a minha neta tal vai ter o terceiro bebé – eu penso que elas estão doidas, como é que é possível manter tudo isto. Põem-nos em creches e coisas assim mas quanto é que isso custa, que dinheiro é que é preciso ter. E eu pergunto como é que a minha mentalidade mudou tanto, pois se a minha mãe teve dez, tinha imensas amigas que tinham tido dez filhos, e hoje quando eu acho que estão à espera do terceiro eu acho que já não estão boas da cabeça. Eu tive todos os filhos quantos Deus me mandou mas tinha quase quarenta anos quando tive a primeira – tinha 37. Eu tenho muita pena das pessoas que até gostavam de ter mais filhos e não têm possibilidades. A Maria da Conceição, a minha irmã mais velha teve os gémeos e depois esteve muitos anos sem ter, é que ela esteve muito mal, muito mal e depois nasceu a Gena Maria, que é casada com o Duarte. A Maria Luísa que também casou tarde, era mais velha do que eu e casou dez anos depois de mim e teve dois rapazes mesmo assim. Depois a seguir foi o Constantino, que só teve uma filha, depois foi a Maria Isabel que teve dois rapazes e duas raparigas, depois o António Maria que tem duas raparigas mas essas filhas dele, que são duas, já cada uma tem quatro filhos. O mais novo de todos, que era o nosso bebé, o Carlos José, teve sete filhos. Vivia no Restelo, o sogro dele era o Tito Arantes que fez para as filhas umas casas geminadas e ela ainda lá vive com alguns filhos, coitada, falo no passado porque teve uma filha que era minha afilhada que ficou viúva muito cedo, com os filhos pequenos. Depois casou, teve um bebé e morreu. O marido dela dizia: eu julguei que isto já não acontecia. Mas sabe, em famílias grandes têm que acontecer coisas. Acabei por perder o meu marido no ano antes do 25 de Abril. Vivíamos bem, viajávamos, levávamos os pequenos, tudo com peso e medida. De repente, ele que tinha pavor dos remédios, adoeceu. Deve ter tido uma coisa de mau carácter. Teve um ano de sofrimento horrroso. Quando ele morreu a minha filha mais velha estava para casar

e casou um ano depois da morte do pai. Eu fiquei então com três raparigas e um rapaz. Olhe tudo se governou e a mais nova – eu não sei se conto isto com uma pontinha de orgulho – a mais nova tinha 16 anos quando o pai morreu, ou 15 ou 14, não sei, sei que tínhamos que ter uma coisa de menores. Ela queria muito tirar o curso de psicologia mas não havia em Lisboa, só havia um que não era bem superior. Depois foi para a Maria Ulrich e fez o de educadora, sempre com a ideia de que queria fazer o curso de psicologia infantil. Entretanto, fê-lo quando abriu na cidade universitária. Aí conheceu um psicólogo que hoje é o marido dela e isto tudo connosco a termos que contar os tostões todos mas ela, coitadinha, foi formidável, e devo-lhe dizer, talvez para acabar, pois a minha vida não tem mais interesse pois sou só uma velhota – tive um dia de uma emoção extraordinária – foi o dia do doutoramento dela. Ela parece uma garota e ainda parece uma garota e lá estavam aqueles senhores todos de toga e o marido dela também estava de toga e a quererem (já se sabe, o papel deles é examinar) levá-la um bocadinho à parede e ela muito segura do que estava a dizer. Depois fizeram um jantarinho cá em casa e foi um grande orgulho.

Quais as maiores diferenças que sentiu entre o antes e o depois do 25 de Abril?

Eu devo dizer que no dia em que o meu marido morreu – eu tinha três criadas – e elas foram formidáveis, elas foram um encanto connosco. Andavam fardadas de colarinho engomado. Logo a seguir veio o 25 de Abril e eu fiquei sem saber o que é que tinha, mas a vida na minha casa mudou mas graças a Deus não nos tornámos infelizes – porque, eu lembro-me, nós tínhamos máquina de lavar roupa mas não tínhamos de lavar loiça porque havia pessoal. Depois era essa minha filha que se formou e se doutorou que lavava a loiça do jantar – aquilo estava dividido, e um dia, coitadinha, veio dizer: oh mãe agora já se justificava termos uma máquina para lavar a loiça e eu achei que ela tinha razão e lá se comprou e lá se pagou. Às vezes diziam que do lado da minha mãe eram ricos, mas já se sabe, as pessoas que têm 10 filhos não podem ser muito ricas, tinham o suficiente, mas o meu pai faltou quando tinha filhos por acabar de educar. Depois eu casei com um homem que era advogado, que tinha a sua vida feita. Enquanto não tive filhos continuei a ir sempre à Assistência de Santos. Depois organizou-se uma coisa que fui eu que tomei conta. Era para os tuberculosos. Dava-se-lhes ovos. Havia alguém que uma vez de 15 em 15 dias levava umas centenas de dúzias, enfim talvez não tantos mas eram muitos ovos. Depois havia uma lista e eles coitados, naquele dia não faltava ninguém. Então quantas pessoas são vocês em casa? Conforme as pessoas que eram assim levavam uma dúzia, duas

dúzias, às vezes uma dúzia e meia de ovos. A senhora que fez esta obra foi a Sra. D. Amélia Macedo Santos que tomou conta quando a Sra. D. Adelina morreu. Ainda hoje quando é preciso escrever é ela que assina e tem 90 e não sei quantos anos. As mudanças no bairro da Madragoa deram-se depois de eu já lá não estar, porque elas agora todas têm caixa. Ali perto havia vários conventos de freiras, que ensinavam meninas. Havia as Oblatas, as Escravas, a minha irmã mais nova já foi para as Escravas. Já isso era uma mudança. Sou ainda do tempo em que as mulheres não saíam do país sem autorização do marido. E as mulheres não votavam. Outra coisa que me lembro. O Gago Coutinho morava ali na rua das Trinas e tinha uma criada muito velhinha. Ele usava uma boininha, parecia um macaquinho e descia a Calçada Marquês de Abrantes todos os dias para ir para qualquer coisa onde ele trabalharia. Não chamava táxis. Ia a pé. Lembro-me quando foi aquele feito extraordinário e de quando, com o Sacadura Cabral chegaram a Lisboa. Fomos para a Avenida vê-los e sei que chovia que Deus o dava, nem sei se era verão se era inverno, mas ninguém se importou nada com isso.

Agora o que faz?

Foi uma vida muito cheia. Agora as minhas amigas e eu, para preenchermos a nossa vidinha, fazemos *tricot*. Todas nós sempre fizémos *tricot* – ou para uma amiga que tinha um filho e depois já era para outra que tinha um neto – o que eu tenho feito na minha vida de casacos de bebé, assim eu gostava que os anjos me acompanhassem quando eu for para o Céu. Sempre havia na freguesia uma coisa para os pobres, fazia-se os xailes, sempre fizemos trabalhos de mãos. Agora houve uma amiga nossa que sugeriu que quando juntássemos assim umas tantas peças podíamos dar às crianças que nascem na Maternidade Alfredo da Costa, porque a filha de uma das nossas amigas, que é a Luísinha, casada com o Manuel Lencastre, é a principal que toma conta dessa actividade. Contaram que alguns bebés saíam embrulhados em jornais. Ou seja, continua a haver desgraça. Há rapariguinhas de 15 e 16 anos, a quem na Maternidade quando dão à luz, perguntam: então como se chama o pai? Ai isso eu não sei. Não sabem quem é o pai. Nós não chamamos a isto uma obra mas é uma obra boa para as velhas. Porque eu este ano não estive assim tão bem mas até aqui sempre me mexi e sempre saí. Mas tem sido uma coisa horrível porque morreram 4 ou 5 das minhas amigas, onde eu ia sempre, e é terrível. Fazem-me uma falta, uma coisa horrorosa. Agora num dia certo – somos umas onze, doze – juntamo-nos em casa de uma ou outra e vamos fazendo coisas. Eu no verão fiz doze casaquinhos, dois xailes e uma manta. Às vezes enchemos uma mesa destas com as coisas que

fizemos. Algumas já fazem pouco porque já estão tão velhotas e com pouca segurança de ir à rua. Vão naquele dia porque é obrigação e porque uma delas tem carro e manda-as buscar e manda-as pôr. Tem sido bom para estas velhotas. Eu com 88 anos estou uma flor ao pé disso tudo – porque eu é que ia comprar as lãs mas agora custa-me, porque me dói muito as costas. Uma das amigas até é espanhola mas vive cá desde sempre – é a Monserrat Martorell que é mãe de uns que corriam em automóveis. Outra é mãe do Padre Vasco Pinto de Magalhães e ela um dia a falar com o filho contou-lhe que tínhamos começado a fazer estas reuniões para o *tricot*. E ele disse: e olhe lá, lembram-se de rezar quando começam? Não nos tínhamos lembrado e agora a dona da casa tem essa obrigação. Também ficou combinado haver um lanchezinho que devia ser a coisa mais simples do mundo – às vezes não é tanto assim, mas é o que está combinado, para não meter medo à velhota que vai ter lá 12 ou 13 pessoas. Estamos umas com as outras e conversamos muito. Fazemos isto de 15 em 15 dias. Não é nesse dia que se faz muito trabalho, mas depois traz-se trabalho para casa e vai rodando. Temos um livro que é engraçado, eu acho que é engraçado, não serve para nada mas é engraçado, que diz tal dia começou a tais horas. Pusémos-lhe o nome de Senhora do Ó e temos umas imagens da Senhora do Ó. Há outras pessoas que se encarregam de comprar as alcofas. Essa obra na Maternidade Alfredo da Costa é formidável. E nós, coitadinhas, é o que podemos fazer e são estas coisas todas que enchem muito a vida de uma pessoa.

Lisboa, 11 de Dezembro de 2000